

## AS INTERSECÇÕES ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA HISTÓRICA

Raimunda Brito de Sousa  
raimundabritosousa@catolicaorione.edu.br

### Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o conceito de memória, dialogando especialmente com a obra *A Memória Coletiva* de Maurice Halbwachs. O conceito de memória e a maneira como ela funciona, vem sendo tema dos estudos de filósofos e de outros tantos cientistas há séculos. Este conceito vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais, à sua importância e funcionamento, nas diferentes sociedades humanas. Pensando nessas questões, elaboramos este artigo, que se trata de uma revisão bibliográfica, onde foi realizado alguns apontamentos acerca da ampla e complexa temática da Memória, trabalhando as suas dimensões dentro das concepções de alguns dos principais autores que tratam do tema, tais como Halbwachs, Le Goff e Pollak. Expondo as semelhanças e divergências de suas visões.

**Palavras-chave:** Memória; Memória Coletiva; História; Halbwachs.

### Abstract

This monograph aims to discuss the concept of memory, dialoguing especially with the work *The Collective Memory* by Maurice Halbwachs. The concept of memory and the way it works has been the subject of the study of philosophers and many other scientists for centuries. This concept has been changing and adapting to functions, social uses, their importance and functioning in different human societies. Thinking about these questions, we elaborated this work, which is a bibliographical review, where some notes were made about the broad and complex theme about the Memory, working its dimensions within the conceptions of some of the main authors dealing with the theme, such as Halbwachs, Le Goff and Pollak. Exposing the similarities and divergences of their views. In addition, the paper analyzes the use of the concept of memory in monographs of the History course of the Federal University of Tocantins from 2005 to 2018.

**Keywords:** Memory; Collective Memory; Story; Halbwachs.

## INTRODUÇÃO

No filme *Para Sempre Alice* (2015), a protagonista, uma professora de Harvard e especialista em linguística, portadora do mal de Alzheimer, afirma que, o que ela mais temia com a doença era a perda da sua memória. De fato, a memória é fundamental para formar identidade e para mantermos relações uns com os outros, sejam familiares, amigos, vizinhos ou conhecidos. A memória relaciona o nosso presente ao nosso passado, individual e coletivo, e por isso, tem uma relação muito próxima com as narrativas históricas.

No mundo contemporâneo tem-se falado muito de memória, contudo, não há um consenso em torno do conceito no meio acadêmico. Analisando algumas literaturas, percebe-se que existem diversas obras escritas por vários autores renomados em diferentes campos da ciência que trata do tema de forma ampla e abrangente. O campo da Filosofia, da Neurociência e da Psicologia são uns dos campos precursores nos estudos do funcionamento da memória e suas divisões. No entanto, a memória tem sido apropriada como objeto de estudo não só para dar conta do funcionamento de organismos vivos e de máquinas, mas também da sociedade, envolvendo cultura, arte, política e literatura.

Além desses campos, a Sociologia e a História também têm realizado estudos e aberto margens para levantamentos de discussões em volta da temática da memória. No campo da pesquisa histórica, particularmente, a temática da memória tem interessado muito aos historiadores do tempo presente, especialmente, a partir dos anos de 1980. Na França, uma das primeiras referências sobre essa temática é o texto *Lugares de Memória* de Pierre Nora, que foi publicizado em 1993 (ROUSSO, 2006, p. 94).

Neste artigo, a partir de uma discussão bibliográfica, realizaremos alguns apontamentos sobre as dimensões da memória dentro do viés sócio-histórico, fazendo conexões com o campo da Psicologia, no sentido psicossocial dos sujeitos em relação a(as) memória(s) coletiva, individual, histórica e social. Nesse sentido, pretendemos analisar a forma como o Sociólogo francês, Maurice Halbwachs, define a questão da memória coletiva, buscando, igualmente, compreender dois outros autores que dialogaram com ele, quais sejam: Jacques Le Goff e Michel Pollack. A questão que nos apresenta, é verificar as semelhanças e as diferenças no que tange à questão da memória a partir da leitura desses autores, bem como analisar a forma como esse termo é instrumentalizado para compreender o processo histórico.

Ao longo do texto que apresentamos ao leitor, iniciaremos expondo a análise realizada em torno do autor da obra “*Memória Coletiva*”, de Maurice Halbwachs, buscando comparar suas reflexões com aos estudos Michael Pollak “*Memória, esquecimento e silêncio*” e Jacques Le Goff “*História e Memória*”.

Como a memória também tem uma história (ROUSSO, 2006, p. 97), nota-se que foi justamente no processo de constituição da História como disciplina, no século XIX, que começou a haver uma maior preocupação com a questão da memória, especialmen-

te, devido ao fato que a história nos seus primórdios tinha a função pragmática de servir para a construção e legitimação dos Estados Nacionais. A memória que então se buscava reconstruir era a dos heróis da pátria e dos eventos gloriosos. Como afirma Toledo, “[...] foi a partir do recurso metodológico e historiográfico do século XIX que a história se tornou um meio importante para dispor da memória e converter-se em História nacional”.

Contudo, foi a partir do início do século XX, sobretudo nas Ciências Humanas, que a memória passou a ser definida como um fenômeno social, na medida em que as relações entre os indivíduos são estabelecidas pelas formas em que eles interagem entre si, através dos aspectos socioculturais, como por exemplo, nos ambientes: familiar, profissional, político, religioso, dentre outros. Tais elementos são fundamentais na construção das memórias coletivas e, conseqüentemente, para a elaboração das narrativas históricas.

O auge da discussão sobre a memória, no campo da história, ganhou um novo redimensionamento, com o uso das fontes orais, que foi introduzida no Brasil nos anos de 1970, mas somente se expandiu nos anos de 1990, especialmente, com a criação da Associação Brasileira de História Oral em 1994 (FERREIRA; AMADO, 2006, p. IX). Evidentemente, que a temática da memória extrapola a questão da história oral, mas essa abordagem também está relacionada a uma das dimensões da história da memória, como afirma Henry Rousso (2006, p. 98).

## A ETIMOLOGIA DA PALAVRA MEMÓRIA

A origem etimológica do termo memória passa pela figura mitológica da deusa Mnemosyne e aponta o radical “mnemis” como berço da expressão, sem olvidar a base latina *memoriae* (CARNEIRO, 2009). A narrativa nos auxilia a compreender a magnitude semântica da palavra. Conta-nos a lenda, que Mnemosyne deitou-se com Zeus por nove noites e da união nasceram as nove musas mitológicas, seres inspiradores das artes e das ciências, como a música, a poesia, a tragédia, astronomia etc. Dentre as musas, Clio – a proclamadora, a divindade da História (LEONARDELLI, 2008. p.15)

Do mito, extraímos a mensagem – a história como filha da memória, as artes e as ciências como filhas da memória. Inegável o lugar de destaque da memória personificada na deusa e fonte dos demais conhecimentos. Na origem da palavra memória – na deusa Mnemosyne – encontramos seu sentido de lembrança – de retorno ao passado. Chauí nos conta que a “deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade.” (CHAUI, 2000, p.159).

Inseparável da noção dinâmica do tempo – como aquilo que inexoravelmente nos escapa – aquilo que inevitavelmente passa, a memória representa a esperança da imortalidade (CHAUI, 2000, p.159). A lembrança funciona em reação ao tempo, que impõe o esquecimento como característica da morte, do tempo que se foi e não volta. Assume um lugar de imortalidade, portanto (ROSARIO, 2002). A magia da memória não está apenas no dom de viajar ao passado, de lembrar o que passou. O poder de Mnemosyne conferia perpetuidade aos mortais (CHAUI, 2000, p.159).

Note-se o deslocamento e aprofundamento. As origens da palavra não sugerem apenas a sua importância fulcral para a produção das ciências e das artes – referindo-se ao raciocínio de que tudo se diz ou se faz – mesmo criativo – baseia-se em algum lastro lembrado. A memória na mitologia vence a morte. Retoma os saberes antigos para o hoje e registra o agora para lançar às gerações vindouras:

Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais. Os historiadores antigos colocavam suas obras sob a proteção das Musas, escreviam para que não fossem perdidos os feitos memoráveis dos humanos e para que servissem de exemplo às gerações futuras. Dizia Cícero: “A História é mestra da vida”. (CHAUI, 2000, p.159)

No Oitocentos memória era a faculdade de lembrar das coisas e dos lugares, e as vezes equivalia à história, quando se tratava de fatos literários ou científicos. Nos dicionários atuais alguns sentidos permanecem e novos usos foram agregados. Encontramos onze referências a essa palavra:

1. Faculdade pela qual o espírito conserva. ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço.
2. Lembrança.
3. Monumento comemorativo.
4. Nome, fama (que sobrevive à pessoa ou ao. fato).
5. Recordação, presente.
6. Dissertação literária ou científica.
7. Anel (que se dá como lembrança).
8. Nota diplomática.
9. Memorial, renovamento de pedido.
10. [Galicismo] Relatório.
11. [Informática] Dispositivo de um computador ou sistema informático que permite o registro, a conservação e a restituição dos dados. (PRIBERAM,2019)

Os sentidos da palavra memória, extraído do dicionário online Priberam da língua portuguesa, informam a extensão da utilização da palavra em diversos ramos do conhecimento e a variedade de significações. Tal qual no mito das musas, o termo memória possui diferentes sentidos, não sendo exclusivo de uma ciência. Embora fique evidente o sentido da memória como algo ligado ao armazenamento e conservação de informações anteriores (passadas).

Para demonstrar a vastidão de usos da memória, tomemos a filosofia. Chauí, nos traz concepções filosóficas de memória, quando cita Bergson (CHAUI, 2000, p.162) para falar de memória-hábito e memória pura. Mas a questão é mais antiga. Desde a helenística, a memória ocupa as reflexões que permeiam categorias filosóficas como tempo etc. A

capacidade de lembrar algo ou alguém e retratá-lo no presente integram pensamentos de Platão e Aristóteles acerca da natureza desses processos resumidamente divididos entre a retenção e a recordação (ABBAGNANNO, 2007, p.657).

Na neurociência, também aqui como exemplo da amplidão da memória, encontramos o assunto como objeto de estudo voltado para o aprimoramento do aprendizado. A memória como ferramenta de trabalho e de eficiência é o mote neuro científico, conforme se percebe em artigo publicado no Estadão, em janeiro por Mônica Sigarini (2018):

Já imaginou se pudessemos lembrar de tudo o que aprendemos ou vivenciamos com a facilidade em que nos recordamos dos nomes de familiares ou o que comemos na última refeição? A neurociência pode esclarecer como aprendemos e formamos memória, resgatando algumas com facilidade e esquecendo totalmente de outras.

Etimologicamente, as acepções da categoria memória pode ser concebidas dentro de um conceito maior manejável nas ciências cognitivas, neurociências e informática, além do tráfego intenso na filosofia, como esclarece SÁ (2007, p. 290), ao tratar do tema dentro da psicologia social e destacar a diversificação e riqueza interdisciplinar do campo memória:

A quantidade e diversidade de perspectiva teórico-conceituais – recuperadas e emergentes – contribuem para aumentar cada vez mais a complexidade desse domínio acadêmico. É dentro de um quadro multifenômico e multidisciplinar que o desafio do estudo da memória é enfrentado pela psicologia social. (SÁ, 2007, p.290)

Em verdade, a memória passeia pela psicologia em suas diversas abordagens. Trajege entre o behaviorismo, quando trata de memória associativa na associação entre estímulos e respostas (SCHULTZ, 2007, p.191) e a psicanálise. Na teoria psicanalítica, entre as inúmeras passagens possíveis, mencionemos exemplificativamente o seu papel a teoria freudiana dos sonhos:

O comportamento da memória onírica é com certeza de grande interesse para qualquer teoria da memória em geral. (...) Não percamos de vista essa capacidade extraordinária da memória no sonho, pois assim sentiremos vivamente a contradição apresentada por certas teorias (...)" (FREUD, 2018, p.35).

Ao analisarmos, sucintamente, a etimologia da palavra memória, notamos que ela possui diferentes sentidos e é usada em vários campos do saber. Todavia, destaca-se na literatura pesquisada que a noção de memória se constituiu como um dispositivo que preserva a lembrança, e, nesse sentido, como afirma Pollack (1989), a memória constitui o oposto do esquecimento.

## MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA HISTÓRICA

Uma das referências mais recorrentemente usada para se trabalhar memória na atualidade é Maurice Halbwachs, especialmente, sua obra póstuma, *Memória Coletiva*,

que foi publicada em 1950. Esse sociólogo nasceu França no ano de 1877 e foi morto em 1945 em um campo de concentração nazista na Alemanha. Consagrou-se como um importante estudioso da escola durkheimiana. Antes de se interessar pela Sociologia, estudou filosofia na Ecole Normale Supérieure em Paris com Henry Bergson tendo sido influenciado por ele. Halbwachs é também responsável pela inauguração do campo de estudos sobre a memória na área das ciências sociais, pois até então, eram a Filosofia e a Psicologia os campos que se ocupavam dos estudos da memória. (SILVA, 2019, p.247)

Halbwachs criou a categoria de memória coletiva, por intermédio da qual postula que o fenômeno de recordação das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. É, portanto, mediante a categoria de memória coletiva de Halbwachs que a memória deixa de ser apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social (SILVA, 2019, p.247)

O autor defende, como o título de sua obra sugere, que a memória é um fato puramente social. Essa categoria de análise trouxe contribuições valiosas para os trabalhos na área da sociologia, psicologia, história entre outras influenciando produções de trabalhos.

Halbwachs escreve no século XX, influenciado pelos problemas da História contemporânea, além dos debates teóricos nesse período. No século XX, os debates em relação à memória ganharam destaque no campo histórico, pelos acontecimentos da época. Todavia, a palavra memória é bastante recorrente ao mundo atual. No século XIX, muitos intelectuais usavam memória, no sentido de História. Ao longo do tempo, com o desenvolvimento da História como disciplina, este campo se “afastou da memória”. (SILVA, 2016, p.250). Com as modificações historiográficas, o campo da memória foi visto com desconfiança pelos positivistas, que trabalhavam com documento escrito. No entanto, a partir da Escola dos Annales com a preocupação dos testemunhos como fonte, a discussão sobre memória, se fortalece.

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele, a memória aparentemente mais particular remete, afinal, a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições, dessa forma, entendemos que é no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na composição das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências. “(...) É necessário que as reconstruções se operem a partir de dados ou de noções comuns, que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros porque elas passam desses para aqueles.” (HALBWACHS,1990,p.34). Dessa

forma, conclui-se que as lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, de que o autor denomina “comunidade afetiva”. Para o autor, dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de importância para um grupo que possui um passado em comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado em uma memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico, situando-nos no tempo, espaço e sentido.

Em Halbwachs, percebe-se que a Memória individual e coletiva tem pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Ambas guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém, não necessariamente exclusivo, de troca.

Em relação a memória histórica, o autor vai dizer que esta, tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e pelo status de se constituírem como memória histórica e diz que:

Por História é preciso entender então, não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros e cujo livros e narrativas não nos apresenta em geral se não um quadro bem esquemático e incompleto. (HALBWACHS,1990, p, 60)

No início da sua obra “Memória Coletiva”, Halbwachs traz exemplificação acerca de sua concepção a respeito da memória, usando exemplos como das viagens que fazemos, materialmente sozinhos, no entanto, não estando só, a nossa memória. Pois, quando nos deparamos com a paisagem dos ambientes, nós acompanhamos de diversas pessoas e impressões ao acessarmos nossas lembranças., como por exemplo, ao olharmos para edifícios, e o admiramos, estamos na companhia do Arquiteto que o projetou. Para Halbwachs, (1990, p.26):

Mas, mesmo que eu não tivesse caminhado ao lado de alguém bastaria que tivesse lido as descrições da cidade, compostas por todos esses diversos pontos de vista; que me tivessem aconselhado a examinar tais de seus aspectos ou, simplesmente, que dela tenha estudado a planta. Suponhamos que eu passeie só. Diremos que desse passeio, eu não possa guardar senão lembranças individuais, que não sejam minhas? Não obstante, passei só, somente na aparência.

O autor, Michael Pollak pesquisador das relações políticas e ciências sociais, embora dialogando com as ideias de Halbwachs, para quem as relações entre memória e história se dariam pela incorporação da primeira pela última, a partir das ameaças do

esquecimento, traz uma outra dimensão de memória, numa visão mais problematizadora e crítica socialmente, sobre a temática, numa perspectiva construtivista, identifica a memória como campo de disputa entre uma elaboração oficial (da memória oficial ou nacional) e as chamadas “memórias subterrâneas” que sobrevivem em meio às camadas populares, os grupos marginalizados e minoritários. Dessa forma, Pollak se opõe a memória da nação discutida.

Pode-se dizer que quando Pollak identifica um processo de disputas entre a memória oficial e as memórias subterrâneas está partindo da concepção de multiplicidade da memória de Halbwachs e superando-a ao incorporar o papel do conflito na análise do sistema social. A memória ganha sua dimensão de campo de afirmação de identidades, no qual as dimensões subterrâneas seriam a expressão de grupos marginalizados, silenciados, minoritários, que buscam o reconhecimento de sua existência, a afirmação de seus direitos e a apropriação de sua historicidade.

A memória é trabalhada de modo que se enxerga a memória social como sendo um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da História, dos quais a memória funciona como reiteramento e transbordamento. Trabalhando o capítulo de sua obra, denominado: “Memória”, Le Goff, associa a memória como sendo um fenômeno individual e psicológico, estando ligada a vida social, variando sua função de acordo com a presença ou ausência de memória. (2003, p.419). Le Goff (2003.p.422), vai dizer que:

(...) do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Em relação aos testemunhos, para Maurice Halbwachs (1990), estes são indivíduos que se fizeram presentes sob uma forma material e sensível, no qual, após o acontecimento, podem levantar e reunir lembranças para descrever exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, reconstituir toda a sequência de palavras e atos dentro de circunstâncias definidas. No entanto, tais elementos seriam ainda insuficientes para nos recordarmos de uma lembrança.

Dessa forma, as testemunhas, para o autor são necessárias, quanto ao nosso ato de lembrar determinado fato. Pois, se trata de episódios indiscutíveis, que aconteceram de fato, mas que para nós, parece ter sido vivido por outra pessoa e para isso, Halbwachs (1990) traz exemplos dos primeiros anos de escola, as pessoas com quem conversamos durante o percurso da mesma e qual caminho percorremos para chegar. Mesmo as testemunhas estando presentes, ainda assim podemos não nos lembrarmos.

Seria então como se o seu papel fosse inteiramente acessório e complementar, que elas me servissem sem dúvidas para precisar e completar minhas lembranças, mas na condição que essas reapareçam primeiramente, isto é, que se tenham conservado meu espírito? (HALBWACHS, 1990, p27).

Inversamente, pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e reorientam nossa lembrança, ao mesmo tempo que se incorporem a ela. Isso se dá, pelo fato de nossa memória não ser uma tabula rasa, segundo o autor. Os depoimentos seriam como uma semente de rememoração para que se transforme em massa consistente de lembranças e se na ausência dessas testemunhas não conseguiremos reconstruir uma parte, significa que as testemunhas fazem quadros vivos, mas isso nunca será uma lembrança.

Outro exemplo usado pelo sociólogo francês é da sala de aula e a reconstrução de memórias entre os alunos e o seu professor. Segundo ele, as lembranças de determinadas turmas são mais comuns de serem memorizadas pelos alunos do que pelo Professor, em relação à rotina das aulas, os lugares que cada aluno ocupava, a dinâmica da classe etc. “É porque o grupo que constitui uma classe, é essencialmente efêmero(...)” (HALBWACHS, 1968, p.29). Ou seja, as mudanças anuais de alunos de uma classe para outra, faz com que o Professor não tenha memorizado a fisionomia, fatos e lugares onde cada aluno acomodava-se. No entanto, os alunos não se enganam, tais lembranças se manterão por mais tempo, principalmente as ocasiões frequentes “Como eles tem quase a mesma idade, talvez permaneçam os mesmos meios sociais, não esquecerão que estiveram próximos sob os cuidados do mesmo mestre. As informações que este lhes comunicou, levam sua marca.” (HALBWACHS, 1990, p.29).

Na ordem das relações afetivas, o autor aponta que muitos casos em que situações são mal-entendidas e há desilusões, o fato do ponto de vista é a causa para tal. Ao falar que a imaginação desempenha papel importante, nos leva a refletir quanto às relações afetivas, em que uma pessoa sofre mais que a outra, pelo fato de ter sido mais engajada e ter mais lembranças do relacionamento, a partir disso. Lembrar das datas em que tiveram momentos alegres, dos poemas escritos, declarações e promessas, enquanto o outro, não lembrará se de nenhuma dessas. Isso também acontece, segundo o autor, após a morte das pessoas das quais reconstruímos sua memória com a ajuda de recordações preciosamente conservadas, fazendo com que nesse caso, nem mesmo o falecido lembraria, se voltasse à vida. Ou seja, as testemunhas podem recordar e testemunhar a nosso respeito sem necessariamente eu também ter rememorado tal lembrança do testemunho.

Em Jacques Le Goff, a questão da memória é tratada como uma ferramenta importante e oportuna, bastante relevante para aqueles grupos, classes e indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas, que na maioria dos casos usou a memória como ferramenta para o silenciamento e esquecimento na História, para a manipulação da memória coletiva. (GE GOFF, 2003, p.422).

Em relação ao esquecimento, para Halbwachs, se dá por diferentes explicações: Tanto fisiológicas quanto psicológicas e sociologicamente, por exemplo. O autor diz que:

Do ponto de vista fisiológico, o que acontece é a função cerebral da lembrança deve ser atingida em seu conjunto, O cérebro deixa então de executar algumas operações e aquelas somente, da mesma forma que um organismo debilitado

não é mais capaz, durante algum tempo, quer de caminhar, quer de caminhar, quer de falar, quer de assimilar os alimentos, apesar de todas as outras funções subsistirem. Mas, poderemos dizer, assim, que o que está afetado é a faculdade em geral de entrar em relação com os grupos de que se compõe a sociedade. (HALBWACHS, 1990, p.32)

Halbwachs (1990, p.38) afirma que, quando esquecemos um período de nossa vida, perdemos contato com aqueles que então nos rodeavam. Dessa forma, quando alguém esquece uma língua de que havia aprendido, perde a condição de compreender aqueles que se dirigiam a ela nessa língua, até mesmo com os autores das obras das quais liam, pois quando se dirigia a ele, adotava uma atitude definida da mesma forma que em presença de qualquer conjunto humano. Da mesma maneira então, se perde o contato com quem a rodeava.

Maurice Halbwachs (1990, p.40) fala ainda sobre a necessidade de termos uma comunidade afetiva, na composição de nossas memórias. Pois, a lembrança necessita desta comunidade afetiva, na qual se constrói através do convívio social que as pessoas estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais. Dessa forma, a memória individual é então baseada nas lembranças desses grupos nos quais essas pessoas estiveram inseridas. Esses grupos sociais se materializam como sendo, primeiro a família, seguidos por grupos como escola, igreja, grupos no ambiente de trabalho, lazer etc. Dessa maneira, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos do qual ele está inserido e, conseqüentemente, é influenciado. Fazendo assim, uso de ambas as memórias: a individual e a coletiva.

Outro tema abordado por Halbwachs é da memória autobiográfica, que segundo ele reporta tudo que o próprio sujeito viveu e se lembra, por isso é interna. A ela se agrega uma memória de fatos não vivenciados pelo indivíduo, mas por outras pessoas e retratados por documentos ou relatos. Um conjunto de dados, de datas e referências estranhas à vida do indivíduo, mas que ele reconhece como memória, chamada pelo autor de memória da nação, memória social, memória histórica. A correlação entre as memórias envolve, aparentemente, um único fenômeno quando os fatos são lembrados.

Todavia, a artificialidade de uma dessas memórias ao ser integrada ao meu conhecimento não pode ser desconsiderada. Usando de um paralelo com o exemplo do autor, nasci em 1996 e lembro-me de fatos importantes de minha existência no período por mim registrados. Igualmente lembro que nasci poucos anos após o lançamento do plano real e vivi na infância a consolidação do governo Fernando Henrique Cardoso. No entanto, a memória das eleições presidenciais de 1994 não são minhas e não são as relacionadas ao plano econômico. Essas outras memórias, anteriores a mim são exteriores e por isso chamadas coletivas. Datas, fatos, eventos considerados importantes para além do plano individual acabaram de alguma forma registradas e alcançaram outras pessoas que não as experimentaram. Ainda que possamos nos relacionar com os fatos e eventos explicitados pelas memórias coletivas ligando-as a nossa memória autobiográfica, a operação

é sempre posterior ao evento. Como disse o autor, a história é como um cemitério onde a cada instante estamos medindo espaço para a instalação de novas sepulturas, ou seja, para o registro hoje, de fatos já perpetrados.

Ainda aproveitando-se da metáfora do autor, é como percorrer um país inteiro, sem colocar os pés verdadeiramente nele. E aí o risco da viagem. Ao viajar pelas memórias dos outros e integrar a memória coletiva na memória individual, assumimos como nossa as escolhas dos eventos merecedores de registro e até as impressões extraídas. Na metáfora do autor, ao escolher quais sepulturas cavar no cemitério da história hoje, escolhemos quais mortos lembrar, quais mortos esquecer. Assim, pode-se dizer que para o autor a memória Histórica está para memória social, memória exterior. Já a memória autobiográfica, está para memória pessoal, memória interior do sujeito.

Halbwachs (1990) comenta que a “memória pessoal ou autobiográfica” na infância é circunscrita à família e a pequenos grupos. Crianças mostram maneiras particulares de compreender fatos que fazem parte da “memória histórica”. Somente mais tarde somos capazes de recolocar nossas lembranças de infância em um quadro histórico. Isso pode ser considerado no episódio, quando a aluna Laí, apela para a memória autobiográfica, interessante que ela fala em nome da turma, para entender a data referida pela professora sobre o ano de impressão do livro (turnos 51 e 52). Por sua vez, para situar as crianças em relação a uma cronologia socialmente estabelecida, mas ainda não ao alcance de todas as crianças, a professora usa a “linha do tempo”. Trata-se de um material didático construído coletivamente e afixado em uma parede lateral da sala, onde estão registrados os nascimentos das crianças. É um mecanismo mediador para a elaboração do passado pelas crianças e que participa da memória coletiva; é significativo no quadro social das memórias compartilhadas da turma, parte de um processo coletivo de recordação.

Halbwachs não vai estudar a memória como tal, mas os quadros sociais da memória. Nessa linha de raciocínio, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão.

Para Pollak (1992), a memória não se resume à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizado a partir do presente, e em parte herdado. Neste aspecto, completa: quando se trata da memória herdada, podemos dizer que há uma relação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, entendida aqui como a imagem que se constrói e se apresenta a si próprio e aos outros, a maneira como se quer ser percebido (POLLAK, 1992, p. 200-212).

## **MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA INDIVIDUAL**

Maurice Halbwachs (1990), em seu livro “A Memória Coletiva” discorre no primeiro capítulo sobre as duas principais categorias da memória: a memória individual “O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (p. 29) e a memória

coletiva e diz: “É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos” (p. 30). Diante da perspectiva que o indivíduo nunca está sozinho, mesmo os acontecimentos vividos solitariamente são percebidos enquanto lembranças que permanecem coletivas, ou seja, para o autor, a memória individual é construída a partir da memória coletiva. O autor enfatiza ainda que para se rememorar uma lembrança ou confirmá-la não se fazem necessários testemunhos “no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material”. (HALBWACHS, 1990, p. 31).

O caráter livre, espontâneo, da memória é, segundo Halbwachs (1990), excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se é assim, deve-se duvidar da sobrevivência do passado tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última a esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Observa-se, então, que para ele, a memória individual, como estudado por Bergson, é quase inexistente. Tudo aquilo de que nos lembramos e pensamos ser algo subjetivo, na verdade, é determinado socialmente. Logo, nossa memória é condicionada pela sociedade em que vivemos.

Halbwachs, (1990.p.36) parte do pressuposto que o homem é acima de tudo um ser estritamente social, assim, a memória não poderia se excetuar a este condicionamento, como se lê nas seguintes afirmações: “(...) só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais corrente do pensamento coletivo”. E continua dizendo que: “(...) É por isto que quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo esteve só, segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade. (HALBWACHS,1990. p.36-37) “É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam. Se não nos recordamos da nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ser social. (HALBWACHS,1990, p.38)

Em determinado momento do livro, a partir de seus pressupostos, Halbwachs (1990, p.71) fornece a sua definição de lembrança: “(...) a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”

Segundo o nosso entendimento, não fica claro em Halbwachs a distinção entre lembrança e memória, mas o ponto de sua obra que discutiremos mais tarde é a ideia de que

cada grupo social possui a sua memória específica. Nota-se, entretanto, que esse conceito é discutido pelo próprio autor (HALBWCHS, 1990, p. 115):

Mas a questão é então saber se os grupos, em si mesmos estão verdadeiramente separados. Poder-se-ia conceber, com efeito, não somente que eles sejam formados por numerosos empréstimos, mas que suas vidas se aproximam e se fundam geralmente, como se essas linhas de evolução se cruzassem incessantemente.

Pollak (1992), numa breve sistematização, observa que a memória, seja ela individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos acontecimentos, pessoas e lugares. As experiências são as vividas pessoalmente e ainda aquelas que, não vivenciadas particularmente por nós, foram pelo grupo a que se pertence: assim, foram vividos por tabela, resultando numa memória “herdada”. É também composta por pessoas, personagens não necessariamente do nosso tempo, sobre as quais se sabem coisas como se as conhecêssemos; e por lugares, como por exemplo, uma casa da infância, da qual guardamos registros afetivos, ou ainda monumentos, documentos, arquivos etc.

Reconhecido o caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva, Pollak propõe que, em vez de se lidar com os fatos sociais como coisas, se analisem “como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989,p.3-15), adotando-se a ideia de memória enquadrada em lugar de memória coletiva. Para o autor, a memória, “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, se integram em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades, os partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, famílias, comunidades, nações, categorias profissionais etc.

Como bem pontua Pollak (1989), a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as posições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, eis as duas funções essenciais da memória comum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem nessa relação de troca entre a memória e a linguagem que interatuam como processos cognitivos, isto é, como processos de conhecimentos, como afirma Kessel (s/d.p.2).

Tudo o que conservamos na nossa memória ocorre por meio da linguagem e suas práticas sociais e interativas. Nós reconstruímos discursivamente a memória com nossas práticas. (SÉ, 2001, p.01). Esse raciocínio é corroborado por Ecléa Bosi, quando diz: “(...) a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho as lembranças e as experiências recentes.” (BOSI,1979 apud KESSEL, s/d.p.4)

Ao fazer a leitura e interpretações das obras dos autores aqui apresentados e estudados, podemos dizer que a memória individual e coletiva se sustenta e tem pontos de relação com a memória histórica sendo socialmente situadas. Todas elas, guardam informações relevantes para os sujeitos e têm função de garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência ou não, entre seus membros. Têm na oralidade, linguagem o seu veículo principal, porém não necessariamente exclusivo, de troca e construção. A memória individual, coletiva, social e histórica se interpenetra e se mistura.

Sendo assim, é notório a importância de estudarmos o tema da memória nos seus mais diferentes aspectos e pelos vieses de autores com perspectivas diferentes, pois, a memória é inerente ao ser humano, sendo responsável pela nossa constituição enquanto sujeitos na história, situados no tempo e espaço. Nossas lembranças e reconstruções do passado que fazemos diariamente são atitudes que se relacionam com a memória e influenciam diretamente no nosso cotidiano, porque orientam nosso comportamento, nossas escolhas e a nossa identidade individual.

A memória coletiva, por sua vez, é algo mais amplo e complexo, porque envolve não somente a dimensão individual, mas também a dimensão política e social. Por essa razão, há uma constante disputa de narrativas em relação a essa memória coletiva, que pode ser instrumentalizada por instâncias do “poder” instituído em determinado tempo e espaço. Ora, se a nossa memória individual é seletiva e se relaciona ao presente, conforme aponta Halbwachs, mais seletiva ainda são as memórias histórica e social, por exemplo, as quais, podem ser usadas por aqueles que são hierarquicamente superiores e que ocupam lugares privilegiados, detendo o lugar de fala com alta visibilidade.

Sendo um tema de interesse de vários profissionais, o tema da memória é extremamente interdisciplinar, e isso o torna mais atraente e mais passível de controvérsias teóricas. Na área das Ciências Humanas, particularmente, o tema da memória precisa ser abordado com cuidado, seja por antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, psicólogos entre outros pesquisadores, para que se preserve certo distanciamento dos objetos e sujeitos de pesquisa, para não ficarem reféns de uma memória hegemônica, que é reforçada em determinadas épocas, por determinados grupos.

Uma característica marcante da memória, como vimos na sua etimologia, é sua relação intrínseca com a história que, por sua vez, a alimenta, no processo de reconstrução do passado a partir das questões do presente. Nesse sentido, entendo que a memória coletiva ou social, subterrânea e individual deve servir para nosso senso crítico, principalmente no tocante ao campo político, há vista que a gestão da memória “é parte integrante da luta de ideias e um instrumento na construção de uma nova hegemonia na sociedade” (ALMEIDA, 2010, p.14). Por essa razão, há tanta disputa de memória e concorrência de narrativas para que seja mantida ou revista uma determinada visão do processo histórico. O cidadão contemporâneo precisa estar atento e ser educado para conseguir entender a importância da memória e seus usos políticos, sobretudo, no contexto atual no qual a informação chega mais fácil aos leitores por diferentes suportes técnicos.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANNO, Nicola. “**Dicionário de Filosofia**”. São Paulo: Martins fontes.2007
- ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; et al. **Papel da memória**. Campinas-SP: Pontes Editora, 2015.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. “**Memória serve pra quê? uma análise “do que deve ser esquecido” e “do que pode ser lembrado” na História**”. Rio de Janeiro-RJ:UniRio,2010.
- BOSI, E. “**Memória e sociedade**”: Lembranças de velhos. São Paulo-SP: T.A. Editora. 1979.
- CHAUÍ, Marilena. “**Convite a Filosofia**”. Ed. Ática, São Paulo, 2000. Dicionário de Filosofia São Paulo: Martins Fontes, 2007. 657
- FREUD, Sigmund. “**A interpretação dos sonhos**”. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre-RS: L&PM, 2018
- FERREIRA, M. M., AMADO, J. Apresentação. In. \_\_\_\_\_. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de janeiro: FGV, 2006. p. VII a XXV.
- FREITAS, Nathália Luiz de. “**Memória e linguagem: uma abordagem sociocognitiva**” R. Letras, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 19-35, jul./dez. 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. KESSEL, Zilda. “**Memória e memória coletiva**”. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)>. Acesso em: 29 de nov. 2019
- LARA, Camila De B. Q. **A importância da memória para a construção da identidade: O caso da igreja nossa senhora imaculada conceição de dourados/MS.MS,2016**.
- LONARDELLI, Patrícia. “**A memória como recriação do vivido - um estudo da história do conceito de memória aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal**”, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. 236. p, 2008
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MEDEIROS, E, Antunes de. **Guerrilha do Araguaia: Memórias à margem da História**. Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 256-284.
- NERI, Carneiro. “**Memória e patrimônio**”: etimologia. In. <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288>
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos.**, Rio de Janeiro,vol.2,n.3,p.3-15, 1989. Disponível em:[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)
- PRIBERAM, dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/mem%C3%B3ria> consultado em 08-12-2019.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In. FERREIRA, M. M., AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de janeiro: FGV, 2006. p. 93-101.
- ROSARIO, Cláudio Cerqueira. “**O Lugar Mítico Da Memória**” Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 -. Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO.
- SÁ, Celso Pereira. Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial. **Psicol.Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 290-295,2007. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722007000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000200015&lng=en&nrm=iso)>
- SALES, José Sérgio Oliveira. **História e Memória: A Guerrilha do Araguaia Revisada**. 2005, Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019.
- SÉ, Elisandra Villela G. “**Como Funciona a Relação entre Memória e Linguagem**”: Uma atividade excelente para exercitar a memória e a linguagem é a leitura e a escrita. Disponível em: <http://www.profala.com/arttf109.htm>. Acesso em 20 de Nov. 2019.
- SILVA, Giuslane, Francisca da Silva. Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS, Porto Alegre-RS: Aedos, vol. 08, n.18, p. 247-253, 2016
- SILVA, Alessandra G. S. **Os caminhos da memória e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro, vol. 1, n.11, outubro-dezembro,2006. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa11/v1/alessandragarrido.htm>
- SILVA, Andréia de Carvalho. **O Regime Militar Pelo Rádio na Memória dos Pioneiros de Araguaína: Aspectos**

**do cotidiano local em tempos da ditadura.** 2005, Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019.

SCHMIDT, Maria L. Sandoval; MAHFOUD, Miguel. “**HALBWACHS- Memória coletiva e experiência**”. São Paulo-SP p.285-298. Instituto de Psicologia- USP.1993

SCHUITZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. “**História da psicologia Moderna**”. 10. ed. São Paulo: Cengage Learning, 201.

TOLEDO, Maria Aparecida L. Tursi. A história ensinada sob o império da memória: questões de História da disciplina. In. **História** (São Paulo), vol. 23, p. 13-32, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v23n1-2/a02v2312.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2019.